

MAURICE JACOB

Físico Teórico de Partículas, ex-director da European Physical Society e ex-chefe da Divisão de Estudos Teóricos do CERN.



FÍSICA E PROCESSOS DE PAZ

A paz no Médio Oriente é muito frágil: por que não utilizar a física para levar as pessoas a encontrarem-se e conhecerem-se melhor? As dificuldades são evidentes. Há duas que é preciso contornar com cuidado. A primeira é que os israelitas estão muito avançados em relação aos Estados árabes neste domínio. Eles têm inúmeros físicos de reputação mundial e prestigiados centros de investigação. Os israelitas não podem ensinar a física aos egípcios ou aos jordanos, pois estes últimos não aceitam ser colocados em situação de inferioridade. Estamos muito longe da situação que prevalecia nas relações Este-Oeste nos anos 1960. É preciso, pois, que os americanos e os europeus intervenham também para que, pelo menos em determinados cursos, israelitas e árabes se encontrem nos mesmos bancos. A segunda dificuldade vem do facto de a física já não ter o prestígio que tinha nos anos 1960. Os governos árabes não sentem necessidades particulares em formar melhor os físicos, a ponto de favorecerem os seus contactos com Israel. É preciso partir do interesse dos próprios físicos esperando que isso possa ser contagiante.

O Comité de Cooperação Científica do Médio Oriente (MESC) criado por Sergio Fubini, um célebre físico italiano durante muito tempo membro do CERN, de que foi um dos directores, conseguiu assim organizar uma reunião no Sinai, em Novembro de 1995. Foi uma reunião de física de uma semana que juntou, cerca de 120 pessoas, com bons contingentes de egípcios, jordanos, israelitas e palestinianos. Havia também alguns europeus e americanos, entre os quais o célebre Edward Witten e também Robert Laughlin que viria a obter pouco tempo depois o Prémio Nobel. Tudo se passou o melhor possível; foi formidável ver todas essas pessoas encontrarem-se, aprenderem a conhecer-se, a discutir física, mas também muitas outras coisas. Tínhamos o apoio das autoridades. A reunião fora inaugurada pelo Ministro da Investigação do Egipto, o Presidente da Academia das Ciências de Israel e o Director Científico da UNESCO, que por acaso era jordaniano. O Presidente da Sociedade de Física Palestiniana estava lá e, gesto simbólico, os participantes palestinianos tinha vindo no mesmo autocarro que a maior parte dos israelitas. De cada um dos lados, tínhamos sobretudo "pombas", mas também alguns "falcões". O interesse pela física, os elos de amizade existentes entre organizadores

e participantes, e o prestígio das conferências tinham reunido toda a gente. Contudo, um mês antes, nada disso teria sido possível após o revoltante assassinato de Rabin.

Esta reunião de Dahab foi uma aventura extraordinária. Tínhamos a impressão de contribuir um pouco para o processo de paz. Com isso em mente, fora prevista uma nova reunião entre Jerusalém e Belém, onde se encontra uma universidade palestiniana, para o ano seguinte. A situação política mudou, como se sabe, e foi preciso abandonar esse projecto. Um projecto tão simbólico era demasiado ousado para o tempo presente. A reunião foi deslocada para Turim, região neutra e justificada pelo facto de grande parte do financiamento disponível vir da Fundação Agnelli/Fiat. Mas os trabalhos arqueológicos sob as grandes mesquitas de Jerusalém e as manifestações reprimidas que se lhes seguiram revelaram o limiar de participação demasiado elevado. Muitos colegas árabes esperados recusaram-se a vir ao encontro dos israelitas, mesmo em Turim. No ano seguinte, a reunião prevista pôde ter lugar, em Turim. Não se deve, pois, perder a esperança e perseverar. Talvez que em breve se possa pôr a hipótese de uma nova reunião no Médio Oriente. Tudo isso pouco representa no processo de paz, mas é com um grande número de acções desse tipo que se consegue finalmente quebrar os receios e aproximar os povos. Foi nessa reunião de Turim que ganhou corpo a possibilidade de transferir para o Médio Oriente, depois de o ter melhorado, um sincrotrão que a Alemanha estaria pronta a dar. A radiação sincrotrónica é um instrumento de trabalho extraordinário em inúmeros domínios científicos, da ciência dos materiais à biologia, e também na indústria. É um domínio sonhado para criar um laboratório internacional onde os cientistas do Médio Oriente se encontrariam e poderiam mesmo colaborar. É ainda preciso obter os acordos necessários e o financiamento regular imposto pelo seu funcionamento. A UNESCO deu o seu apoio ao projecto e tenta promovê-lo o melhor possível sob o nome de SESAME. O futuro próximo dirá se a ideia é realizável ou se peca por excesso de ambição.

Texto retirado do livro "No coração da matéria. A física das partículas elementares", Instituto Piaget, Lisboa, 2002. Agradecemos ao Instituto Piaget a autorização para transcrição.